

PROCESSOS RESIDUAIS: NORDESTE CONTEMPORÂNEO E EUROPA MEDIEVAL

Cássia Alves da Silva¹

A cultura do Nordeste do Brasil dispõe de uma variedade de manifestações culturais que, a priori, parecem pertencer unicamente ao povo que convive com tais manifestações. Porém, ao estudar suas origens ficamos sabendo que:

A cultura popular do Nordeste é herdeira do modelo português da época dos descobrimentos, que emigrou para o Novo Mundo com todas as suas práticas e características (...). A oralidade predominante naquele período sobrevive fixada em especial nessa região, por ser depositária do acervo cultural e social da Europa medieval. Aí permaneceu devido a múltiplas razões: por ser a mais antiga zona de colonização que prosperou; pelo isolamento prolongado em que a região permaneceu, pelo encontro e cruzamento contínuo de raças e culturas, pela estabilidade e longa duração de uma organização social semifeudal de latifúndio e patriarcalismo perpetuadora das tradições herdadas. A continuidade da literatura medievalizante no Nordeste confirma o conceito de arcaísmo atribuído a essa sociedade (VAS-SALLO, 1993, p. 69).

¹ Doutorado em Literatura Comparada pelo PPGL da Universidade Federal do Ceará. Professora-tutora do Instituto UFC-Virtual e da Rede Estadual de Ensino Básico do Ceará. Pesquisadora do GERLIC.

O processo descrito por Lígia Vassalo nada mais é do que o caminho residual, ou seja, o movimento do objeto cultural que atravessa lugares e tempos diversos.

Essa cultura europeia veio para a América oralmente e por escrito, embora só haja referências indiretas sobre as manifestações literárias dos primeiros séculos da colonização. Mas pode ser confirmada através da tradição que se manteve praticamente inalterada. Tal herança, que emigrou com a memória dos colonizadores, se faz aparente em manifestações menores da literatura oral (casos, provérbios, adivinhações, etc), mas ressurge mais nítida nas novelas tradicionais, nos cordéis e nas dramatizações ou folguedos. Apresenta temas profanos, bem como personagens, situações e estruturas formais (VASSALLO, 1993, p. 69).

Com base no exposto, desenvolvemos nosso trabalho para mostrar como o imaginário popular do Nordeste do Brasil é fruto de um processo residual para o qual confluem elementos da cultura medieva europeia e da cultura popular do Nordeste brasileiro.

Segundo a noção de imaginário proposta por Hilário Franco Júnior (2003):

Todo imaginário é um sistema, não mera acumulação de suas imagens. (...) Apenas em conexão com outras, cumprindo seu papel de instituidoras de discursos, de sistemas semiológicos, é que as imagens – exteriorizadas sob forma verbal, plástica ou sonora – ganham sentido e, conscientemente ou não, expressam determinadas cosmovisões (FRANCO JÚNIOR, 2003, p. 100).

Portanto, para Franco Júnior o imaginário exprime formas de dado grupo social ver, observar e entender o mundo. Destarte, “ao expressar os valores coletivos, os imaginários dão aos homens a sensação de pertencer não apenas ao seu momento, mas de fazer parte de uma história” (FRANCO JUNIOR, 2003, p. 106). Através de um olhar mais cuidadoso dirigido ao imaginário popular do Nordeste do Brasil, verificamos que nele se contém a história do povo nordestino, que atravessa séculos e deve suas raízes também a outros continentes que não o nosso.

O processo residual que concorre para a constituição desse imaginário se constitui da seguinte forma: primeiro, a matéria cultural, que faz parte de determinada sociedade e de determinado tempo, passa por uma hibridação em meio às fusões que são próprias à cultura. São exemplos disso: “as fusões étnicas denominadas mestiçagem, o sincretismo de crenças e também de outras misturas modernas entre o artesanal e o industrial, o culto e o popular, o escrito e o visual nas mensagens midiáticas” (CANCLINI, 2003, p. 7). Assim se deu com a cultura medieval europeia através do trânsito provocado, entre outras coisas, pela colonização da América.

Segundo Luis Weckmann (1993), assim como o México, seu país, o Brasil é um grande herdeiro da medievalidade europeia. O vigoroso sentimento religioso dedicado à virgem Maria, as bases medievais da estrutura social, os rituais sacros, as músicas, as danças, a habilidade na navegação e as diversas formas populares de devoção constituem resultados tardios da tradição medieval na contemporaneidade brasileira.

Em segundo lugar, é a partir de uma hibridação, que determinado material cultural passa pelo processo de cristalização. Para Roberto Pontes (2006), o termo diz respeito ao polimento de um elemento cultural, até chegar a uma nova forma. No entanto, deve-se entender esse processo de refinamento, ou polimento, como uma mudança de estado pela qual toda cultura tem de passar, porém essa ação sempre traz e refaz algo do passado. É um processo de atualização do elemento cultural. No processo de *cristalização*, o *resíduo* é a essência que remanesce através dos anos.

Para comprovar que a cultura do Nordeste é residual, tomemos como base um elemento cultural: a literatura de cordel. Nesta, podem ser identificados aspectos residuais presentes em sua origem, na estrutura e, por fim, nas temáticas que lhes são mais frequentes. A origem da literatura de cordel tem sido motivo de inúmeras discussões. Os cordelistas reconhecem que ela é produto de uma *hibridação cultural* e não teria se arraigado entre nós, caso o Brasil indígena não houvesse sido caldeado pelo entrecruzamento de vários povos, a partir de europeus e africanos. Quando se trata da origem da literatura de cordel, os autores de folhetos informam e defendem, por meio de versos (e não de ensaios) que a origem da modalidade que praticam está na Europa medieval. Temos exemplo do afirmado em um folheto de José Antônio dos Santos:

Por isso, caro leitor
Em versos vou relatar
A História do Cordel
E nesse livro narrar.
Onde se deu sua origem
Vou logo aqui lhe explicar

Na Europa Medieval
Surgiram os menestréis
Por serem bons trovadores
Às musas eram fiéis
E prendiam seus livrinhos
Pendurados em cordéis.

(...)

Na Europa Medieval
Juntava-se multidão
De pessoas que saiam
Para a peregrinação
Rumo aos lugares santos
Com fé e devoção.

De Provença, Sul da França,
Iam pra Jerusalém
Da Lombardia pra Roma
Saíam dizendo: Amém!
E o terceiro lugar
Agora cito também.

Saíam lá da Galícia
Rezando no breviário
E lá da Península Ibérica
Para o grande santuário
Santiago Compostela
Seguindo o Itinerário

O bom poeta andarilho
Do povo seguia a pista
E funcionava como
Verdadeiro jornalista
Seus poemas de aventuras
Cantava como um artista.

Eis a origem da nossa
Poesia Popular
Pro Brasil, os portugueses
Trouxeram algum exemplar
E pras novas gerações
Puderam então repassar

(SANTOS, 2007, pp. 1, 2 e 3).

Santos faz referências a alguns resíduos da medievalidade presentes na literatura de cordel. É o caso dos poetas provirem do estrato popular, como vem a ser o caso dos cordelistas, sendo raras as exceções. Na última estrofe transcrita, o poeta mostra o processo residual ocorrido a partir da hibridação de culturas, no caso, da portuguesa (também de aspecto híbrido) com a cultura local.

Para Diéguas Júnior:

Tudo conduziu para o Nordeste se tornar o ambiente ideal em que surgira forte, atraente, vasta, a literatura de cordel. Em primeiro lugar, as condições étnicas: o encontro do português e do africano escravo ali se fez de maneira estável, contínua (...). Houve tempo suficiente para a fusão ou absorção de influências. Depois o próprio ambiente social oferecia condições que propiciavam o surgimento dessa forma de comunicação literária, a difusão da poesia popular através de cantorias em grupo e de forma escrita (DIÉGUES JÚNIOR, 1986, p. 39).

Não se trata, no entanto, de filiar a literatura de cordel nordestina à literatura de Portugal ou de outros países da Europa. O fato é que o processo de hibridação de culturas favoreceu a presença da literatura de cordel no Nordeste do Brasil. Ressaltamos que os resíduos deixados pelos portugueses, africanos e outros povos colaboraram para a formação de uma literatura de cordel distinta. É importante ressaltar que a literatura de cordel produzida no Nordeste do Brasil é diferente da sua congênera portuguesa, por exemplo. Segundo Márcia Abreu, em *História de cordéis e folhetos*, “mesmo nas narrativas ficcionais, que oferecem maiores possibilidades de aproximação com o cordel português, as distinções são importantes. Rodolfo Coelho Cavalcante parece ter razão: ‘no Brasil é diferente’” (ABREU, 1999, p. 123). O poeta José João dos Santos, conhecido por Mestre Azulão, também mostra o processo de hibridação que resultou no vivo florescimento da literatura de cordel no Nordeste:

A região nordestina
De poeta é toda cheia
Desde a grande cidade
A roça e a pequena aldeia
Ninguém foge da estética

Quem não tem veia poética
Tem poesia na veia.

São heranças europeias
De Espanha e Portugal
E toda Península Ibérica
Que tem de um modo geral
Os europeus imigrantes
Vindo das terras distantes
Ao Brasil colonial

(SANTOS, 2012, p. 5).

Mas, este autor também ressalta o processo de lapidação pelo qual passou o produto cultural que denominamos literatura de cordel.

Quanto à temática, essa literatura é um exemplo fecundo do processo residual. Alguns dos exemplos mais conhecidos são temas retomados de histórias do romanceiro ibérico. Segundo Manuel Diégues Júnior, “a literatura de cordel do Nordeste recebeu a transmissão de narrativas tradicionais, umas de fundo histórico, sobretudo das velhas gestas medievais, outras de criação erudita, sem dúvida, mas de longa aceitação popular” (DIEGUES JR., 1986, p. 59). Hilário Franco Júnior também lembra que “Artur e Carlos Magno frequentemente estão presentes na literatura nordestina de cordel, cujo espírito, temática, transmissão e recepção essencialmente orais prolongam a poesia europeia da Idade Média no Brasil do século XX” (FRANCO JR., 2005, p. 169).

Várias histórias, personagens e contos populares que permeiam o imaginário da população do Nordeste, como as histórias da mula-sem-cabeça e das sereias são documentos que atestam ser a cultura nordestina e brasileira residual. Além disso, as festas populares também reforçam a mesma compreensão dessa residualidade.

Segundo Joseph M. Luyten:

Em todos os países, houve fortes e duradouras manifestações em forma de contos. Na realidade, porém, em muitos casos não se sabe quando esses contos foram transcritos da poesia para a prosa. Os *Edda* (as sagas germânicas e escandinavas) foram longamente perpetuados em forma poética, depois passados para a prosa, registrados no século XIX por folcloristas e desapareceram como tradição popular. No vale do Reno, ficaram famosas histórias de *Rhijnhaert de Vos*, a raposa, que juntamente com o lobo e o urso, infernizava as florestas da região. Ninguém pode esquecer *Thijl Uilenspiegel*, o herói popular de Flandres – hoje Bélgica e Holanda. Ele é equivalente, em malandragem, ao nosso Pedro Malazartes – que é Pedro Urdemales na Espanha e que, por sua vez, tem origens árabes (LUYTEN, 2005, p. 32 e 34).

Neste caso tem-se um bom exemplo de remanescência. A figura do pícaro foi cristalizada na literatura, e repassada a seguidas gerações por meio da oralidade ou da escrita. Assim chegou ao Nordeste brasileiro. E nessa região ainda é um resíduo que dá origem a um novo objeto cultural. Este é o caso de João Grilo e Chicó, personagens de *O auto da compadecida*, de Ariano Suassuna. O próprio autor é que nos revela ter sua literatura um remanescente mais próximo nos contos populares do Brasil, e num plano mais distante, nas histórias que permeavam o imaginário europeu medieval. Assim também os contos populares medievais têm remanescentes ainda mais longínquos. Há também diversos cordéis que trazem o pícaro como personagem. É o caso do cordel *As aventuras de Pedro Malazartes*, no qual os autores J. O. de Lima e Manoel Caboclo mostram esse personagem cheio de malandragem como aquele indivíduo astuto que nunca perde uma batalha, porque sabe sempre se aproveitar das situações. É o pícaro no melhor estilo de um tremendo

espertalhão, um “quengo”, como é chamado o artimanioso no Nordeste do Brasil. Malazartes é cultuado como exemplo de sujeito sabido, modo pelo qual é caracterizado nos cordéis, como nos versos que a seguir são reproduzidos, uma invocação à Musa, a fim de que esta o favoreça a narrar com eficiência as peripécias do herói faceto:

Oh! musa santa dos mestres
Dai-me força, rima e arte
Pra contar as aventuras
De um tal Pedro Malazarte
Nos truques e palhaçadas
Nunca perdeu uma parte
Os planos todos acertados
Nem um cálculo ele perdia
Tinha conversa bonita
Nos negócios que trazia
Tinha ciladas bem feitas
Que até o diabo sorria

(LIMA & SILVA, 2010).

Assim como o pícaro europeu Thijl que não se cansa de se dar bem por meio da desgraça alheia e convence um bando de doentes a fugir do hospital ao se passar por médico, mesmo oferecendo tratamentos assustadores, Pedro Malazarte não teme nada e é capaz de tudo para conseguir dinheiro:

Na porta de uma casa
Ouviu a mulher chamar
— Negra cuida do almoço
Teu senhor vem almoçar
E guarde comida das boas
Pra quando meu bem chegar

Pedro ouviu a mulher
Dizer com muita atenção
— Guarde a carne da galinha
Arroz e o macarrão
E guarde o vinho do Porto
Para a minha refeição

Pedro conheceu a trama
Ficou bastante animado
Com o urubu no braço
Ficou distante sentado
Esperando o dono da casa
Que chegava do roçado

Pedro botou-se pra lá
Com o passarinho na mão
Disse: — Bom dia, senhor!
Quero pedir ao patrão
Pra descansar um pouquinho
O homem disse: — Pois não

Ele amarrou o pássaro
Bem na perna da mesa
Porque ficava mais fácil
Sua janta com certeza
E na hora da comida
Fazia a sua defesa

Chamaram para o almoço
Pedro sentou-se então
Olhou os pratos e só viu
A farinha com feijão
Bateu com o pé no urubu
Foi a maior confusão

Ele nesta mesma hora
Levantou-se e foi dizendo:
— Se sabes, fique calado
Tanto que te recomendo!
Perguntou o homem: O que é
Que esse bicho está dizendo?

Pedro disse: — É porque ele
É um pássaro que adivinha
Ele agora disse a mim
Que lá dentro na cozinha
Tem vinho, arroz, macarrão
Carne de porco e galinha

A mulher ficou suspensa
Quase morre nesta hora
Gritou pela negra e disse:
— O que tu mereces agora?
A negra logo botou

Toda comida pra fora
E depois que almoçaram
O homem falou pra ele:
— Quer me vender este pássaro?
Diga quanto quer por ele
— Lhe dou por cem mil réis
Pode tomar conta dele

Contou todo mistério
Que o passarinho tinha
E disse: — Preste atenção
Toda essa história minha
Se alguém mijar-lhe a cabeça
Nunca mais ele adivinha

O homem passou-lhe as notas
E Pedro se retirou
Antes do homem ir pra roça
O passarinho amarrou
Com pouco tempo o amante
Da mulher também chegou
(LIMA & SILVA, 2010).

Pedro Malazartes consegue enganar a todos usando de sua es-
perteza e também atingindo as pessoas, de forma que no conjunto de
suas artimanhas algum indivíduo sai perdendo. O mesmo acontece com
Thijl, personagem dos contos populares medievais:

Conta-se que Thijl chegou a uma cidadezinha da época
e o burgomestre queixou-se de que muitos malandros
se aproveitavam da benevolência local e, fingindo-se
doentes, passavam meses no hospital à custa da comu-
nidade. Thijl, fazendo-se passar por médico, percorreu
as salas do hospital e, em voz alta, ia enumerando as
operações e tratamentos, que pretendia oferecer aos
doentes a partir do dia seguinte. O falso médico foi
tão convincente, e os tratamentos tão arrepiantes que,
na madrugada seguinte, boa parte dos pacientes havia
fugido. Os outros, que eram doentes mesmo, tinham
morrido de medo. Assim, o hospital deixou de dar pro-
blemas para a cidade e Thijl Uilenspiegel saiu acarician-
do um saco de moedas de ouro que havia recebido do
burgomestre (LUYTEN, 2005, p. 34).

Note-se que ambos os malandros beneficiam alguns, mas pre-
judicam outros. Mas, isso não importa, pois o que eles querem é apenas
o próprio benefício. Os exemplos mostrados fundamentam a ideia de
um Nordeste residual e demonstram o impacto da cultura mediéfica

européia no Brasil, especialmente sobre a região Nordeste de nosso país. Cabe-nos, noutro momento, continuar esse processo investigativo a fim de encontrar outros elementos residuais e, dessa forma, aprofundar os estudos literários, históricos e culturais sobre o país em que somos parte.

Referências bibliográficas

ABREU, Márcia. *História de cordéis e folhetos*. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Os cinco livros do povo: introdução ao estudo da novelística no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1953.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média: nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

_____. "O fogo de Prometeu e o escudo de Perseu. Reflexões sobre imaginário e mentalidade". *Signum Revista da ABREM (Associação Brasileira de Estudos Medievais)*, nº 5, p. 73-116, 2003.

LIMA, J. O. de e Silva; CABOCCLO, Manuel. *As aventuras de Pedro Malazarte*. Disponível em <http://www.jangadabrasil.com.br/revista/marco76/cn76003a.asp>, Data: 10 de junho 2010.

LUYTEN, Joseph Maria. *O que é literatura de cordel*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

PONTES, Roberto. "Entrevista sobre a Teoria da Residualidade", com Roberto Pontes, concedida à Rubenita Moreira, em 05/06/06. Fortaleza: (mimeografado), 2006.

_____. "Lindes disciplinares da Teoria da Residualidade". Fortaleza: (mimeografado), 2006.

SANTOS, José Antônio dos. *História da Literatura de Cordel*. Fortaleza: Tupynanquim Editora, 2007.

SANTOS, José João dos. *O que é literatura de cordel?* Fortaleza: Tupynanquim Editora, 2012.

VASSALLO, Lígia. *O sertão medieval: origens europeias do teatro de Ariano Suassuna*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.